

# **POLÊMICAS NO USO DA LINGUAGEM IMAGÉTICA EM MATERIAL PEDAGÓGICO PARA EaD**

**Brasília (DF) – Maio 2012**

Cassandra Amidani – Saber EaD Cursos – cassandragreen@gmail.com

**Categoria: B – Conteúdos e habilidades**

**Setor Educacional: 5 – Educação Continuada em Geral**

**Nível Macro: D – Teorias e Modelos**

**Nível Meso: H – Tecnologia Educacional**

**Nível Micro: M – Design Instrucional**

**Natureza: A – Relatório de pesquisa**

**Classe: 2 – Experiência Inovadora**

## **RESUMO**

*Este trabalho discute polêmicas sobre o uso da linguagem imagética em materiais pedagógicos para Educação a Distância, tema sempre debatido em fóruns específicos dos cursos Produção de Material Impresso para EaD e Storyboard para EaD, ofertados pela Saber EaD (plataforma Moodle), que contêm uma atividade de fórum, a fim de refletir sobre as consequências que impactam o fluxo de trabalho de produção e a sua possibilidade pedagógica quando são emitidas análises de imagens e tomada de decisão sem fundamentos sólidos. A atividade apresenta visões divergentes entre linhas de pensamento que são contra e a favor ao uso das ilustrações, e discute o que são ilustrações “infantilizadas”. Das várias turmas oferecidas pela Saber EaD, entre 2008 e 2011, foram selecionadas quatro do PMDI e quatro do Storyboard, e realizada uma análise interpretativa das falas dos alunos. Os resultados indicaram desconhecimento dos alunos e dos tomadores de decisão sobre as funcionalidades e possibilidades das imagens, e que, essencialmente, a percepção individual é a base da decisão de empregar esta ou aquela imagem. Nesse sentido, muitos materiais são concluídos de modo insatisfatório e o fluxo de trabalho emperrado.*

**Palavras chave: educação a distância; linguagem imagética; produção de materiais; ensino-aprendizagem.**

## **1. Introdução**

Antigamente, a comunicação era registrada por escritas pictóricas. Hoje, estamos envolvidos, quase o tempo todo, pelas imagens. Com o tempo, texto e imagem se integraram e foram – e ainda são – realizados estudos sobre a relação complexa entre estas duas maneiras de comunicação. Mais recentemente, com o uso das tecnologias de comunicação e informação retomou-se, com toda a força, a discussão entre a integração texto e imagem principalmente, no campo da Educação a Distância.

Gaskell [1] diz que, na análise das experiências visuais, é preciso compreender que toda a interpretação do sentido da imagem é culturalmente relativa, determinada socialmente e pelas especificidades do presente.

Extrapolando essa visão, muito se discute sobre as funções das imagens – mais ainda quando se trata de ilustração –; do seu uso adequado, principalmente, em relação ao público adulto de cursos, e da sua aplicação, em contexto acadêmico e/ou corporativo. Diante disso, vale comentar o entendimento sobre ilustrações.

Camargo [2] declara que a ilustração é uma imagem que acompanha um texto. Do ponto de vista da produção e dos direitos autorais, é melhor separar ilustração de fotografia e de mapa, embora, conceitualmente, tudo isso pudesse ser denominado ilustração. Nos casos de materiais com narrativas predominantemente feitas pelas imagens, é preferível adotar o termo imagem. A ilustração, por definição, é feita para acompanhar um texto.

Os materiais didáticos há muito são fartamente ilustrados, com utilização de vários recursos gráficos, porém, talvez seja a educação formal a área que ainda mais tenha dificuldade de usar a linguagem imagética, de modo sistematizado e com os conhecimentos necessários ao seu melhor aproveitamento nos processos de ensino e aprendizagem. Mas isso pode indicar falta de conhecimento das funções das imagens, que devem ser estudadas para haver uma apropriação crítica desse tipo de linguagem.

## **2. Polêmicas sobre critérios para utilização das imagens**

Camargo [2] argumenta que pode-se entender que o papel da ilustração é o de transformar palavras em linhas, formas, cores, personagens, lugares, objetos etc., isto é, traduzir o texto para a linguagem visual não-verbal. Apesar de

esse conceito ser útil, não é suficiente. Toda imagem diz alguma coisa; por isso, não se pode ter uma visão reducionista sobre a ilustração ser meramente uma tradução do texto. Porém, os significados do texto se projetam sobre a imagem, assim como os significados da imagem se projetam sobre o texto.

Fala-se muito sobre a ilustração como característica intrínseca da literatura infantil. Porém, há inúmeras publicações ilustradas dirigidas ao público adulto, do mangá às edições ilustradas de obras como Fausto, de Goethe, por Eugène Delacroix, ou Dom Quixote, por Gustave Doré.

Camargo [2] estabelece alguns critérios que considera importantes para a utilização de imagens, conforme se observa no Quadro 1 abaixo:

<p><b>1) o projeto gráfico</b> – deve favorecer a legibilidade do texto, uma leitura confortável e proporcionar momentos de relaxamento para os olhos. Para focalizar imagens próximas (ilustrações e textos), os músculos oculares se tensionam para ajustar o cristalino (que funciona como uma lente);</p>	<p><b>2) uma qualidade definida pela negação</b> – as ilustrações não devem “brigar” com o texto. Por exemplo, se o texto descreve uma balconista loira, a ilustração não deve mostrar um homem careca; se o texto tem humor, a ilustração não deve ser melancólica e assim por diante;</p>
<p><b>3) a ilustração deve ter qualidade estética</b> – seja uma ilustração detalhista, seja estilizada, o traço, as cores, as texturas devem ser agradáveis aos olhos.</p>	<p><b>4) a ilustração não deve ser redundante</b> – por meios plásticos ou por meios figurativos, a ilustração deve dizer algo que o texto não diz. Nesse caso, a ilustração tem qualidades pictóricas que são próprias da linguagem visual, apresentando, assim, algo que o texto não diz.</p>

Quadro 1 – Critérios para usar imagens, na visão de Camargo [2]. (quadro elaborado pela autora).

Porém, Azevedo [3] elenca divergências dos critérios de Camargo [2]:

**1)** um projeto gráfico não deve ser necessariamente funcional no sentido de favorecer a legibilidade. Não é possível generalizar;

**2)** discorda da frase “as ilustrações não devem brigar com o texto”, visto que o problema é definir essa “briga”. Ao contrário, a ampliação do universo de significação imagética costuma “nascer” justamente da contradição entre texto e imagem. Azevedo [3] posiciona-se concordando que “a ilustração deve dizer algo que o texto não diz.” Por causa disso, a imagem eventualmente pode e deve “brigar” com o texto.

**3)** ainda é complicado falar em “qualidade estética” e elementos “agradáveis aos olhos”, pois tudo isso é muito relativo. Questiona Azevedo [3]: agradável para quem?

É importante compreender que os critérios para uso de imagens devem considerar as funções que as caracterizam, tema do tópico a seguir.

### 3. Funções das imagens

Camargo [2] comenta que, em geral, são atribuídas à ilustração as funções de elucidar o texto junto ao qual ela aparece. Indica também outras funções, conforme se observa no Quadro 2 a seguir.

<b>1) função representativa</b> – imita a aparência do ser ao qual se refere;	<b>2) função descritiva</b> – ao detalhar essa aparência;
<b>3) função narrativa</b> , quando situa o ser representado em devir, através de transformações (no estado do ser representado) ou ações (por ele realizadas);	<b>4) função simbólica</b> – sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente (caso das bandeiras nacionais);
<b>5) função expressiva</b> – revela sentimentos e valores do criador da imagem, e destaca as emoções e os sentimentos do ser representado;	<b>6) função estética</b> – ao ressaltar a forma da mensagem visual, isto é, a sua configuração visual;
<b>7) função lúdica</b> – quando orientada para o jogo, incluindo-se o humor como modalidade de jogo;	<b>8) função conativa</b> – orientada para o destinatário, a fim de influenciar seu comportamento, por meio de procedimentos persuasivos ou normativos;
<b>9) função metalinguística</b> – o referente da imagem é a linguagem visual ou a ela diretamente relacionado, como citação de imagens etc.;	<b>10) função fática</b> – a imagem enfatiza o papel de seu próprio suporte;
<b>11) função de pontuação</b> – orientada para o texto junto ao qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando alguns de seus elementos.	

Quadro 2 – Funções das ilustrações, na visão de Camargo [2]. (quadro elaborado pela autora).

Para Diéguez [4], a imagem desempenha oito funções no campo didático, conforme descrito no Quadro 3, abaixo:

<b>1) função motivadora</b> – busca despertar a curiosidade e o interesse dos alunos para os conteúdos cognitivos que vão constituir os objetivos da aula. Ilustração utilizada pelos professores e educadores, em geral, com as imagens fixas ou com imagens animadas;	<b>2) função vicarial</b> – permite apresentar, de modo indireto, elementos da realidade que não podem ser observados <i>in loco</i> . Em lugar da descrição verbal de determinados aspectos da realidade – que pode sofrer interpretações deturpadas pela fraca capacidade descritiva das palavras ou pela imaginação dos alunos, a apresentação da imagem permite uma captação visual das suas características, completando a apresentação verbal. A observação da imagem é um meio de orientação e de reforço;
<b>3) função catalisadora</b> – frequentemente usada no ensino, a imagem é aplicada como forma de provocar uma experiência didática, para facilitar a aprendizagem, em virtude do poder que tem de reorganizar o real;	<b>4) função informativa</b> – apresenta uma série de elementos, para fornecer informações concretas sobre eles, coincidindo, em parte, com a função vicarial. Constitui o suporte didático principal, sendo as palavras um complemento ou reforço da informação, desempenhando um papel redundante;
<b>5) função explicativa</b> – quando sobrepomos, por exemplo, diversos códigos numa imagem para explicar graficamente um processo, uma	<b>6) função facilitadora redundante</b> – ilustra uma mensagem já expressa pelo texto. Permite um reforço do simbolismo verbal do

relação, uma sequência temporal;	texto, facilitando a atenção e a memorização. A imagem ilustra e reforça uma mensagem já expressa claramente por via verbal;
<b>7) função estética</b> – torna os textos mais atraentes, de leitura mais agradável, permitindo um melhor equilíbrio estético da mancha gráfica e ajudando a quebrar a monotonia da leitura. Pode estar presente numa imagem que nos cativa pela harmonia e beleza dos elementos apresentados;	<b>8) função comprovadora</b> – permite comprovar, mais concretamente, a exposição de uma ideia, de um processo, de um raciocínio, de um relato, de um fato. Aquilo que se vê com os próprios olhos tem muito mais força e valor do que aquilo que se ouve dizer ou que apenas se leu.

Quadro 3 – Funções das ilustrações no campo didático, conforme entendimento de Diéguez [4]. (quadro elaborado pela autora).

Meyer [5] indica quatro modos com que imagens são empregadas em material educativo, conforme descrição do Quadro 4, abaixo:

<b>1) Decorativa</b> – tem o propósito de melhorar a aparência estética do material no qual está inserida. Não possui conexão direta com a informação do texto e apresenta aspecto motivador. Pode estimular o interesse, a curiosidade;	<b>2) Representativa ou informativa</b> – fornece informações concretas sobre acontecimentos e elementos da realidade. Oferece passo a passo para realizar uma tarefa; fornece mapas ou modelos para efetuar processos. Exemplifica um conceito apresentado textualmente, por meio de uma ilustração;
<b>3) Organizacional</b> – imagens que fornecem esquema conceitual de alto nível; facilitam o processo de aprendizagem. Ilustram relações entre conceitos ou entre elementos que compõem determinado objeto. Por exemplo, a disposição dos diversos componentes do motor de um automóvel;	<b>4) Explanatória</b> – imagens explicam como é o funcionamento de um sistema dinâmico. Por exemplo, a imagem explicada na função organizacional pode assumir a função explanatória se incluirmos setas, indicando o funcionamento dos pistons do automóvel, quando ligamos o motor.

Quadro 4 – Funções das imagens empregadas em material educativo, conforme entendimento de Meyer [5]. (quadro elaborado pela autora).

Postas as funções das imagens acima discutidas, descrevemos, a seguir, o contexto geral de realização dos cursos objetos deste estudo.

#### 4. Contexto das turmas analisadas

A Saber EaD é uma entidade especializada na produção de materiais pedagógicos, e na elaboração e oferta de cursos livres a distância, voltados para a formação profissional continuada em Educação a Distância.

Os cursos *Produção de Material Impresso para EaD – PMDI* – e *Storyboard para EaD* foram realizados durante seis semanas, com tutoria ativa e trabalhos individuais e em grupo. O Fórum *Lenha na fogueira* ocorre na segunda semana de cada curso e discute o uso da comunicação via linguagem imagética em materiais educacionais. É um fórum provocativo, apresentando linhas de

pensamentos divergentes e imagens que geram reflexões sobre a importância de se conhecer as suas funções para utilização com fins educacionais.

## 5. Metodologia

Adotou-se a abordagem qualitativa, buscando fazer análise de conteúdo das manifestações registradas em resposta à *atividade Fórum Lenha na Fogueira*, descrita mais à frente, com o objetivo de alcançar os seus sentidos e percepções, conforme orientações de Bardin [6]. Durante a realização da atividade, a pesquisadora, que também atuou como tutora das turmas, observou as reações dos participantes e analisou seus posicionamentos. Após a conclusão dos cursos, a pesquisadora voltou a se debruçar sobre o tema, na busca de análise mais aprofundada das falas.

Observa-se que as manifestações similares não foram incluídas, neste trabalho, para se evitar a repetição. Respeitou-se a escrita original e foram usadas siglas, no lugar de nomes, por conta da confidencialidade. Cumpre informar que todas as falas dos alunos foram devidamente autorizadas.

Fórum Lenha na fogueira  
por Cassandra Amidani

Pessoal, vamos ao tema de discussão da Semana 2: *as imagens na EaD*. Sabemos que a EaD sempre empregou diversos recursos tecnológicos para proporcionar ao estudante, no mínimo, a comunicação e os materiais didáticos. Existem correntes de pensamentos que estão atentas às contribuições educativas que os recursos tecnológicos podem proporcionar ao considerar os estilos de aprendizagens.

Há algum tempo, a Teoria das Inteligências Múltiplas (GARDENER, 2000) tem inspirado muitos desenhos de EaD. Entre outras coisas, ela dá argumentos para o seguinte: as imagens / ilustrações são efetivas para os aprendizes que têm predominância da inteligência visual-espacial. Além disso, outro aspecto importante dessa teoria é a relação entre o ser humano e os diversos sistemas simbólicos - como a escrita e as imagens. Porém, existem muitas controvérsias sobre o uso das imagens em EaD. Por quê? Bem, há pesquisadores que não aceitam a proposta de Gardner como uma teoria. Para eles, são simples idéias, sem comprovação científica. Então, “nem pintada de ouro”, a “teoria” de Gardner dá base para o estudo de estilos de aprendizagem e para se traçar desenho de qualquer curso. Defendem que um conjunto de textos, associados a uma lista de discussão e ao amparo de um bom tutor é o modelo ideal de EaD. E a discussão vai longe... Vejamos essa e outras argumentações.

A favor do uso das ilustrações	Contra o uso das ilustrações
§ Considera os estilos de aprendizagem. § Narra os fatos e os complementa, aprofunda e esclarece conteúdos. § São elementos pedagógicos – proporcionam uma experiência didática que facilita a aprendizagem. <i>Com uma imagem podemos visualizar um acontecimento ou uma situação não vivenciada (...)</i> o espectador tem a sensação de estar vivenciando a história que a imagem conta (MANGHEL, 2001. p. 24-25).	§ Retira a seriedade do material. § Prejudica a linguagem interior. § É pirotécnica, é firula. § Distrai a atenção do aluno. § Prejudica a construção do texto mental e a criatividade do aluno. § Gera problemas de acesso (quando há recursos informáticos envolvidos). <b>A escrita sem imagens:</b> § aguça a imaginação;

<p>§ Vai ao encontro da proposta lúdica, mesmo em cursos para adultos.</p> <p>§ Ameniza a aridez de determinados textos.</p> <p>§ Pode ser uma comunicação internacional – extrapola fronteiras.</p> <p>§ Presta apoio ao texto escrito e dá a oportunidade do devaneio defendido por alguns estudiosos como algo importante para a leitura criadora (COELHO; DIEGUES; MACHADO, 2001).</p>	<p>§ favorece a formulação de hipóteses mentais;</p> <p>§ estimula a criação de uma situação mental que, às vezes, é muito mais rica do que o pensado pelo próprio Autor;</p> <p>§ contribui com o aluno na organização especial e temporal pessoal;</p> <p>§ favorece a construção de interpretações, o que é “roubado” pela imagem, que conduz, direciona e dirige a interpretação.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Outro ponto muito discutido é o estilo da ilustração. Muitos responsáveis pela área de EaD, tanto em instituições de ensino quanto em organizações corporativas, sempre alertam quanto ao à imagem “infantilizada”: - *Não queremos desenhos infantilizados!* É uma das frases que o Designer Educacional mais escuta, ao conversar sobre o uso de imagens. A discussão é constante sobre o que é um desenho “infantilizado” e o que é um “desenho “adultizado”!

Para ajudar a refletir sobre o tema, observe um trecho do curso que fiz, para um público adulto.



Diante das divergências sobre o uso de imagens em textos com fins educacionais, pense sobre o seguinte: Com qual linha de pensamento você concorda? Por quê? O que você considera ilustração “infantilizada” e ilustração “adultizada”?

## 5.1 As falas

Abaixo as respostas às perguntas do fórum acima descrito e ponderações realizadas pela pesquisadora com relação aos posicionamentos:

*(A1) Geralmente, as áreas clientes querem definir que tipo de ilustração usar, que cores, que diagramação etc. Isso é comum, por acharem que "conhecem" a audiência e "sabem" o que eles necessitam aprender e "como" aprenderão melhor. Nós, da área de educação corporativa, temos então um trabalho essencial e bastante delicado: mostrar para as áreas clientes, por meio de diagnósticos consistentes, a real necessidade e alternativas que podem facilitar o alcance dos resultados requeridos. Isso precisa ser feito de forma bastante diplomática, para evitar estranhamentos logo no início do processo.*

*(A2) Trabalho com Universidade Corporativa há cinco anos. Há 3 anos começamos a trabalhar com EaD e os nossos próprios materiais. Éramos um grupo com duas pessoas para fazer tudo. Com o tempo, nossa equipe cresceu, entrou gerente disso e daquilo e muitas outras pessoas. O conflito foi iniciado: um gerente de determinada área não concordava com as ideias do outro gerente. E eles eram responsáveis pelo andamento das ações [...]. Atrasaram todo o processo por conta de vaidade e falta de substância nas argumentações para defenderem suas decisões.*

*(A3) Trabalho com EaD há 5 anos. Até dois meses atrás, a "equipe inteira" era basicamente uma colega minha e eu. Ela fazia todo o planejamento; recebia conteúdo; compilava o conteúdo todo e criava um curso [...]. Eu fazia os templates em html; o design; as ilustrações [...] me descabelava; chorava e ajudava a parir o curso. Nunca atrasamos e achávamos nosso trabalho uma delícia [...]. Daí, a equipe cresceu. Ganhamos um "líder de equipe"; outro webdesigner; outro não-sei-quem; ganhamos uma planilha para relatarmos nossas atividades diariamente; ganhamos horário para cumprir*

[...]. O curso passa pelo crivo de uns 2 ou 3; uns não gostam mais do visual clean; outros não gostam do tratamento pessoal; outros acham que a vírgula "tá" no lugar errado; outros têm um primo que faz tudo em flash; outros viram numa universidade escocesa um modelo de ensino mais legal... E o trabalho esperando, esperando...

(A4) Esse assunto mexeu comigo. Trabalho como designer, e sinto todo tipo de pressão sobre o meu trabalho. Por exemplo: às vezes eu preparo uma folha de estilo e um template super-leve para um curso, pensando até mesmo na velocidade e peso da imagem. Aí o meu cliente quer tudo coloridão e com ícones a cada parágrafo. Eu morro de dó, dá vontade de nem assinar o trabalho. Outros colegas de profissão vão dizer assim: "Creeeedo! que coisa poluída!!!" Outras vezes eu pesquiso uma idéia, passo horas preparando uma imagem que possa refletir o conteúdo da aula, do curso, etc. Aí vem alguém que é formado em, sei lá, qualquer coisa na área de design, mas atualmente é chefe do departamento de parafusos, e me traz um desenho "daqueles" pra eu publicar. E aí? Faço o quê? Trabalho, né?

Essas falas indicam claramente interferências negativas dos tomadores de decisão no processo de produção de materiais, incluindo interferências no campo mais específico da linguagem imagética com base quase que exclusivamente em referências pessoais. Obviamente, é preciso considerar a ideia de Gaskell [1] quanto à necessidade de se compreender que toda a interpretação do sentido da imagem é culturalmente relativa, determinada socialmente e pelas especificidades do presente. Por outro lado, acolher tal pensamento de modo restrito e isolado nos jogaria num relativismo sem fim.

Extrapolando a discussão sobre as intervenções dos tomadores de decisão, os alunos apresentaram várias abordagens sobre as contribuições ou não do uso das imagens, conforme se segue:

(A5) Acredito que a imagem pode sim contribuir para o entendimento do conteúdo, principalmente se considerarmos que grande parte das pessoas são visuais e, as que não são, não terão prejuízos com o uso. No entanto, aplicada em exagero pode sim tirar a seriedade do material, principalmente se o curso é para o público adulto. Tudo é uma questão de saber dosar!

(A6) Acho que o grande desafio da inserção de imagens (recursos de aprendizagem) quer na modalidade presencial ou a distância é o olhar do educador sobre o seu aluno. O olhar do gerente de treinamento sobre os funcionários da empresa [...] enfim são vários olhares dentro das instituições e certamente desfocados. Quais são as reais necessidades do público alvo? somente "conteúdos" serão expressos através de linguagem escrita ou verbal? Como conseguir extrair mais do público? Se o público não "gostar" de imagens não devo provocá-lo? Devo aceitar que um público adulto não visualize um conteúdo e seja levado a pensar através de um outro tipo de linguagem?

(A7) A ilustração no material didático realmente causa polêmica. Concordo e discordo do uso desse recurso como estratégia de aprendizagem. Concordo com o uso de ilustrações significativas, que realmente complementem a teoria que está sendo vista. Como está citado nos pontos a favor, o leitor pode vivenciar uma situação até então totalmente desconhecida por ele. No entanto, como produtora de material impresso, sei que nem sempre é o autor que define, por exemplo, traços da ilustração feita, já que não posso eu mesma selecionar imagens que ache adequadas devido aos direitos



*autorais. Dessa forma, muitas vezes as ilustrações são infantilizadas ou até mesmo "feias". Por isso tenho optado por **excluí-las** do meu material (...).*

*(A8) Como desenhista e cartunista sei bem o significado de uma imagem. Uma charge, por exemplo, tem o poder de sintetizar em uma cena todo um contexto estudado [...]. Não concordo quando dizem das ilustrações infantilizadas, estilo quadrinhos. As pessoas gostam disso, por remete a um momento da infância, lúdico, tornando muitos assuntos de leitura árida e complexos mais leves e agradáveis de serem assimilados. É óbvio que para cada perfil de alunos temos que adotar determinados estilos diferentes de ilustrações: para advogados e médicos, exemplificando, ao invés de ilustrações tipo Turma da Mônica, usaria um estilo de traço mais na linha heróis ou Graphic Novels, mais adultos. [...] O que não podemos é generalizar, se é bom ou ruim. Cada perfil tem sua linguagem e maneiras de assimilar.*

*(A9) Acho que não se pode confundir o uso de imagens com infantilização do recurso. Existem cursos que usam bonequinhos para dizer o que precisa ser feito, entram na tela de repente igual ao clips do Word.*

*(A10) Na educação, os textos ilustrados e as imagens são motivadoras e facilitadoras em relação ao interesse e à compreensão do aluno. Concordo que a linguagem imagética deve estar de acordo com o público ao qual se destina, embora saibamos que essa leitura mental a partir da visualização de imagens é diferenciada de indivíduo para indivíduo, do repertório de suas experiências visuais anteriores, da cultura e do imaginário coletivo. Quanto à proposição se ela é infantilizada ou não, desde que atenda aos objetivos propostos não há como criticá-la negativamente. Realmente essa questão é uma lenha na fogueira...*

Tais manifestações evidenciam que a maioria dos alunos defendeu o uso da imagem com “bom senso” e de “modo adequado” ao público, sem, no entanto, apresentar argumentação sólida para seus posicionamentos. Ainda ficaram muitas questões a serem respondidas como “bom senso” de quem? O que significa empregar adequadamente imagens com fins educacionais?

Outro ponto para se refletir é que os alunos não souberam definir ilustração “infantilizada”, mas se sentiram em condições de reconhecer uma e de, principalmente, rejeitar este tipo de imagem no contexto educativo voltado para adultos. É interessante mencionar que apenas dois alunos se preocuparam com a questão da imagem caracterizada como “infantil”, discordando das críticas negativas que giram em torno dela, desde que cumpra o seu objetivo educacional.

## **6. Conclusões provisórias**

A reflexão descrita neste trabalho sobre o uso de imagens com objetivos educacionais em EaD indica se tratar de um assunto complexo e pouco definitivo. As falas dos alunos da Saber EaD deram mostras que é importante o público de um curso ter a oportunidade de interpretar e imaginar os conhecimentos em contato com linguagens que extrapolam o modo tradicional de textos.

As falas dos alunos indicam que, fundamentalmente, seus posicionamentos e argumentos se deram considerando predominantemente percepções pessoais, remetendo à Gaskell [1].

Do mesmo modo, as experiências descritas indicaram que os tomadores de decisão de várias instituições não tinham fundamentos consistentes para escolher determinadas imagens ou ilustrações. As divergências causadas pela tomada de decisão apenas com base na percepção pessoal dos decisores repercutiram negativamente no processo de criação, desenvolvimento e finalização de materiais pedagógicos, muitas vezes, emperrando o processo.

Este breve relato, obviamente, não possibilita aprofundamento do tema, mas abre espaço ao diálogo e instiga os interessados a realizarem investigações e trabalhos sobre o assunto, a fim de preencher lacuna existente nessa área do conhecimento educacional.

Apesar de haver estudos sobre o emprego da linguagem imagética em materiais educacionais, conforme Diéguez [4], ainda são necessárias muitas pesquisas e reflexões sobre o tema, visto a maior parte das investigações não fazer relações diretas entre as funções da linguagem imagética e seu uso em materiais pedagógicos para cursos a distância.

## Referências

- [1] GASKELL, I. *História das imagens*. In: BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, 1992.
- [2] CAMARGO, L. *Uma conversa sobre ilustração*.  
[http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&catid=39:artes-plasticas&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&Itemid=60](http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=39:artes-plasticas&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&Itemid=60)
- [3] AZEVEDO, R. *Uma conversa sobre ilustração*.  
[http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&catid=39:artes-plasticas&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&Itemid=60](http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=39:artes-plasticas&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&Itemid=60)
- [4] DIÉGUEZ, Rodríguez. *Las funciones de la imagen em la enseñanza*, Barcelona, Ed. Gustavo Gilli, 1977.
- [5] MEYER, R. *Multimedia Learning*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- [6] BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2007.